

“MEDITAÇÃO”

(No transcurso do primeiro aniversário da morte do Pe. NARCISO VIEIRA EHREMBERG, assassinado quando voltava das aulas na PUCC à noite de 17 de abril de 1975, prestamos-lhe homenagem, publicando a “Meditação” feita pelo Pe. JOSÉ ANTONIO MORAES BUSCH, por ocasião das exéquias celebradas na Catedral Metropolitana de Campinas.)

Desde a manhã da última 6ª feira, profunda consternação foi invadindo o nosso coração e contaminando rapidamente a vida da cidade, na medida em que a trágica notícia se espalhava: O Pe. Narciso foi assassinado!

A violência contra a vida de toda e qualquer pessoa humana fere a nossa dignidade de pessoas e faz doer em nós a chaga aberta no corpo da humanidade, que é também nosso. Mais profunda a dor, quando a vida atingida pela violência é de um homem sereno, dedicado às coisas do espírito, fazendo do seu pensamento profundo e da sua vasta cultura, um serviço ao progresso intelectual e à consciência cultural, dentro de uma sociedade que, cada vez mais, se satisfaz com o desenvolvimento da técnica e o produto da máquina.

A consternação inicial foi-se transformando em indignação, na medida em que os rádios e jornais iam revelando ao público os resultados do intenso trabalho policial para desvendar o crime. Um grupo de indivíduos, desfigurados e decaídos de sua igual dignidade de pessoas humanas, trocaram a vida do nosso irmão e amigo, por uma aventura desgraçada, cujo nome é latrocínio.

A indignação cresce ao serem repetidamente contempladas, na mesma página do jornal, as fotografias dos assassinos e da vítima, como se fossem imagens dos serviços com que uns e outro marcaram a nossa sociedade. As fotografias dos assassinos são a expressão do crime, da violência, da subversão dos valores, da agressão irracional a vida e à paz doméstica, e o que é pior, são

imagens dos frutos podres, produzidos pela própria sociedade, envelhecidos no crime, alguns antes mesmo de chegarem à idade adulta para a responsabilidade legal. A fotografia da vítima é a lembrança de mais de vinte anos de ministério sacerdotal e magistério universitário, tecidos com alegrias, com admiração, com realizações e sucessos, e tecidos igualmente com sofrimentos, incompreensões, frustrações e fracassos. Foi assim que ele se identificou com vidas que o cercaram, mergulhadas no sofrimento ou coroadas de alegria; e despertou ideais, iluminou inteligência e empolgou corações. A sua fotografia é a imagem do animador de tantos movimentos de Apostolado Leigo, do incentivador de tantos leigos despertados para a liderança cristã, do professor brilhante e do amigo peripatético.

A nossa consternada indignação se manifesta no repúdio e na revolta que se derrama de nossos lábios. E nós nos sentimos, ao mesmo tempo violentos e impotentes, diante do crime que nos envolve e da insegurança que nos atinge. E assim, mais uma vez consternados, perguntamos a nós mesmos o sentido da morte violenta, mais do que as outras, repugnante à nossa sensibilidade.

Qual o sentido da morte ?

Esta pergunta interessa-nos, não só pelo que acontece aos outros, mas sobretudo porque nós caminhamos inexoravelmente para ela. Qual o sentido da morte ?

Nenhuma morte tem sentido em si. O que tem sentido é a vida!

As circunstâncias acidentais da morte — a violência de um crime, o traumatismo de um desastre ou a explicação clínica — não mudam a essência da sua realidade. Provocam, sim, em nós, indagações mais agudas e o desejo mais ardente de respostas que, muitas vezes, não encontramos.

Nós, cristãos, quando queremos respostas para as indagações que nos afligem, voltamo-nos para a pessoa de Jesus Cristo. Em Jesus, "Deus nos mostrou que a sabedoria deste mundo é loucura" (1º Cor. 1, 20). E colocou diante de nós, como se fora um compêndio de todas as respostas para nossas inquietações, "O Cristo crucificado, ultraje para alguns e loucura para outros" (1º Cor. 1, 23). A imagem que Lucas deixou dele, gravada nos Atos dos Apóstolos, está condensada nesta frase: "ele passou fazendo o bem" (Atos 10, 38).

Entretanto, foi vítima da violência dos homens. Sobre ele recaíram a fúria e a maldade, satanicamente conjugadas. Toda a feiúra da miséria

humana, transformada em pecado, estava presente na sanha dos seus malfeitores. O patíbulo da sua morte acabou consagrado como símbolo definitivo do sofrimento humano. Morreu crucificado.

Qual o sentido da sua morte ?

A morte não tem sentido em si. O que tem sentido é a vida. E a vida de Cristo dá sentido para a sua morte e todo o seu martírio.

O sentido da vida de Cristo está marcado pelo seu amor, obediente e fiel à vontade do Pai. Ao entrar no mundo, ele diz: "Eu venho, ó Pai, para fazer a tua vontade" (Heb. 10, 7). Durante a sua vida, "ele não procurou realizar a sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou" (Jo. 5, 30) e "o seu alimento foi fazer a vontade do Pai" (Cfr. Jo. 4, 34). Dela não se desviou. Não aceitou negociar a sua fidelidade, tentado pela glória e exaltação humanas, ou ameaçado pela traição e abandono dos amigos ou pela ira indomável dos adversários. Quando "sua fama se espalhava e grandes multidões acorriam a ele, costumava retirar-se para orar" (Lc. 5, 15) e assim reafirmar, no contato com o Pai, a alegria do seu amor fiel. No apogeu humano do seu triunfo, quando os habitantes da capital, de suas roupas, fizeram tapetes para ele, aclamando-o como rei, não se afastou do caminho da sua missão, traçada pela vontade do Pai. Depois, submergido na angústia da tormenta que via desabar sobre si, manifestou o seu pavor mas não vacilou na fidelidade do seu amor: "Se possível, meu Pai, afasta de mim este cálice. Porém, não se faça a minha mas a tua vontade" (Mt. 26, 39).

Quando nós ouvimos dizer que a morte de Cristo foi a vontade de Deus, não a devemos entender simplesmente como a realização de um decreto frio e justiceiro. A vontade do Pai levou Jesus à morte, porque ele foi fiel, não negociou com a sua consciência, nem se afastou da missão que o Pai lhe confiou. A sua fidelidade inabalável chocou-se com os interesses mesquinhos que o cercaram e, finalmente, o executaram. Desta forma Jesus não trocou a vontade de Deus por qualquer vantagem mundana. E abraçado fielmente à vontade do Pai, morreu crucificado.

A fidelidade incondicional de Cristo ao Pai, até às últimas conseqüências, selou definitivamente a Aliança entre Deus e os homens. Jesus se colocou dentro da humanidade e levou o compromisso da Aliança até o fim. Ser fiel até o fim significou contar com a fidelidade do Pai, que não destinou Seu Filho à morte mas à glória da ressurreição e da vida incorruptível (Cfr. Atos 2, 24, 27-28).

Eis aí o sentido da morte, dado pela vida: nós não nascemos para morrer, morremos para ressuscitar !

Não são os acidentes da morte que mudam o sentido da vida; é a fidelidade da vida que ilumina os túneis da morte, transformando-a em passagem gloriosa para a posse das promessas da Aliança.

“Eis o que há de certo: se morrermos com Cristo, com Cristo também viveremos. Se tivermos a paciência de perseverar, com ele reinaremos. Mas se o negarmos, ele também nos negará” (2º Tim. 2, 11-12).

Esta é a força dos cristãos, que tomam sua cruz para seguir o Cristo, pisando sobre suas pegadas, porque ele passou pelo nosso caminho. Esta é a coragem dos cristãos, firmada na palavra do mestre: “O mundo fará vocês sofrerem, mas tenham coragem, eu venci o mundo !” (Jo. 16, 36). Este é o testemunho dos cristãos, vivido pelo Apóstolo Paulo e continuado por todos os que abraçaram o caminho da fidelidade incondicional à Aliança definitiva entre Deus e os homens: “combati o bom combate, terminei a minha carreira e guardei a fé. Já não me resta senão receber a coroa da vitória que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que esperam com amor a sua vinda” (2º Tim. 4, 7).